

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Chris Marker – A Memória das Imagens
5 de Dezembro de 2024

FROM CHRIS TO CHRISTO / 1985

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Chris Marker / Música: Dimitri Chostakovitch / Cópia: em ficheiro digital (original em vídeo) / Duração: 24 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

MATTA '85 / 1985

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Chris Marker / Música: Dimitri Chostakovitch / Cópia: em ficheiro digital (original em vídeo) / Duração: 14 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

MÉMOIRES POUR SIMONE / 1986

Realização, Montagem: Chris Marker / Imagem: Yves Angelo, Pierre Lhomme / Som: Jean Bailly, Raoul Fruhauf / Narração: François Périer / Produção: Pierre Braunberger, Gilles Jacob, Festival de Cannes (França, 1986) / Cópia: DCP (original em 35mm), cor / Duração: 63 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

filmes de Chris Marker

Duração total da projeção: 101 minutos / legendados eletronicamente em português.

“Nunca fui uma estrela (...) É muito difícil ser uma estrela e é difícil permanecer uma estrela. Mas deve ser horrível deixar de o ser”.

Simone Signoret

Em setembro de 1985 Christo embalou a Pont Neuf em mais uma intervenção artística de forte impacto visual. Marker filmou esse gesto e a reação das pessoas face a tal projeto monumental. No mesmo ano, o cineasta realizou um retrato do seu amigo, o pintor surrealista chileno Robert Matta, que nos conduz numa visita à exposição que lhe foi consagrada pelo Centre Pompidou. São dois vídeos de cariz impressionista, que se desenvolvem em acordo com os objectos filmados, contrastando com outras obras de Chris Marker, que são objecto de uma maior elaboração. Ambos os filmes foram pensados para a instalação interativa *Zapping*

Zone (Proposals for an imaginary television), apresentada por Marker no Centre Pompidou no âmbito da exposição *Passages de L'Image*, que teve lugar em 1990, e que conheceu diferentes configurações ao longo dos anos, reunindo muitos dos vídeos que Marker foi realizando e apresentando em vários contextos.

Grande amigo de Simone Signoret (1921-1985), em 1986, pouco depois da sua morte, Chris Marker dedicou-lhe um filme. A iniciativa do filme terá partido de Yves Montand, o seu marido, e da filha, Catherine Allégret, com o apoio da revista *Télérama*. Como afirmou Marker a propósito do seu documentário sobre Tarkovsky, não pretendia enveredar num ciclo de homenagens a amigos entretanto falecidos, mas neste contexto, Signoret ou Tarkovsky eram uma excepção. Partindo dos arquivos pessoais da actriz, conservados por Simone e por Montand, mas também dos seus escritos, ou de imagens dos muitos filmes em que participou, Marker constrói um ensaio abrangente, que revela o paralelismo entre a sua vida pessoal e o seu trabalho, explicitando de entrada o princípio segundo o qual Signoret só participou em filmes com que se identificou. Mas como descreve o comentário do filme, não se trata de um relato da vida da actriz, mas de “uma viagem através das imagens que Simone guardou”.

A par da sua carreira no cinema, e de episódios da sua vida pessoal, Marker revela-nos como Simone Signoret sempre foi uma força da natureza, o que é particularmente visível nos excertos de entrevistas televisivas que nos são apresentados. A narração cabe a François Périer que assim acompanha imagens de Marcel Carné, Patrice Chéreau, Yves Allégret, Jean-Pierre Melville, Costa-Gavras ou Jacques Becker, ou de Jack Clayton e do seu **Room at the Top**, que em 1960 garantiu a Signoret o Óscar de Melhor Actriz, prémio que a vemos a receber e agradecer. “Representamos melhor quando envelhecemos? Não representamos melhor. Não representamos de todo. Somos nós próprios.” Assim culmina a reflexão da actriz sobre as rugas de expressão enquanto traços da memória e das vivências pessoais, e as grandes inimigas de muitas, mas as suas “aliadas”.

“Penso que é necessária uma dose de infantilidade para nos continuarmos a apaixonar e a manter as nossas paixões vivas. (...) Conheço algumas velhas crianças. Voltando a falar de Sartre. Rirá de mim se eu disser que Sartre permaneceu uma criança, mas ele tinha as qualidades da infância. Até ao fim continuou a indignar-se e a entusiasmar-se com a frescura da infância. (...) Para aqueles que não são actores a parte da infância que guardam consigo é a que permite que, mesmo que tenham sido enganados e tenham ficado desiludidos, mesmo depois de errarem, e mesmo que por vezes tenham sido culpados, possam recomeçar, voltar a acreditar nas coisas.” Eis a força das palavras de Signoret, não num dos muitos filmes em que participou e que se apresentam face aos nossos olhos, mas no seu próprio papel.

Joana Ascensão